



COLETÂNEA FEMINISTA: DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO

COLECCIONE FEMINISTA: DIÁLOGOS CON LA EDUCACIÓN

FEMINIST COLLECTION: DIALOGUES WITH EDUCACIÓN

MORUZZI, Andrea Braga.¹

MESTRA, Simone de Oliveira²

O presente dossiê, intitulado “Coletânea feminista: diálogos com a Educação” tem por objetivo apresentar diferentes autoras feministas e algumas de suas obras de maneira a analisá-las no escopo e em diálogos com a Educação.

Entende-se que a educação é um dos campos mais oportunos de atuação dos diferentes feminismos, pois os espaços formais e escolares revelam, nas suas práticas cotidianas, a cultura ainda patriarcal e colonial de nossa sociedade. Por outro lado, é exatamente nesses mesmos espaços que enxergamos o potencial transformador da educação por meio da qual pode-se problematizar e desconstruir práticas machistas, misóginas, racistas, homofóbicas e tantas outras, tão igualmente discriminatórias e produtoras de desigualdades. A educação é um ato em si revolucionário, “quando” e “se” pautado em perspectivas que visam a transformação social para igualdade e justiça social.

Ao nos adentrarmos nos debates feministas, independentemente de qual perspectiva, observamos que há um problema epistemológico no campo da educação, sobretudo, quando analisamos mais de perto os cursos de formação de professoras. Na sua grande maioria, a matriz curricular e pedagógica acionada para formação de professoras é focada em autores homens, brancos e europeus. Nossos cursos são recheados de autores como Rousseau, Pestalozzi, Dewey, Freinet, Paulo Freire, Piaget, Vygotsky, Durkheim, entre outros, que são certamente importantes, mas que não tinham, a bem-dizer, uma preocupação voltada para as discussões de igualdade para com as mulheres ou de

¹ Pós-doutora em Educação pela USP, Professora adjunta da Universidade Federal de São Carlos. andreamoruzzi@ufscar.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professora Adjunta da Universidade Federal de São Carlos. simonemestre@ufscar.br

gênero de modo geral. A pedagogia como ciência da educação é, portanto, um campo androcentrado, o que de cara nos mostra um grande contrassenso, uma vez que, a ocupação dessa profissão é majoritariamente feminina. Estariam as mulheres cis ou trans, sejam elas brancas, negras, indígenas, ou outras, despreocupadas ou desatentas aos debates sobre suas condições de igualdade diante dos homens? Entendemos que não, mas, transformar a cultura pedagógica androcêntrica em uma pedagogia feminista requer um processo moroso, trabalhoso e contínuo.

Há atualmente muitas pesquisas no campo da educação que enfatizam o debate de gênero, que protagonizam mulheres, trazem suas pautas e demandas, bem como, um número expressivo de pesquisa que fazem denúncias das mais variadas ordens, do racismo à homofobia, da misoginia à generificação de práticas cotidianas. Já avançamos também nas pesquisas que trazem orientações mais dirigidas para práticas não sexistas, não racistas, não homofóbicas. Entretanto, o alcance dessas pesquisas ainda é rudimentar, sobretudo se comparado às inúmeras *fakes news* que são propagadas sobre os feminismos e sobre os debates de gênero, maliciosamente nomeados por “ideologia de gênero”. Há um pânico moral no entorno dessas falácias o que nos traz a necessidade ainda mais emergente de propagar as pesquisas na área e um conhecimento mais amplo dos feminismos e de suas pautas.

Os feminismos são potentes ferramentas teóricas de transformação social. Sob diferentes perspectivas, com diferentes conceitos e especificidades, eles nos trazem compreensões fundamentais sobre as formas de opressão e nos indicam maneiras para superá-las, pois todos, de uma forma ou de outra, almejam a igualdade e a justiça social. Temos pensado, inclusive, que o feminismo pode vir a ser uma pedagogia (MORUZZI, 2022), pois ao reunirmos as publicações de autoras feministas, observamos um rico arcabouço teórico que nos auxilia a pensar a pedagogia nessas dimensões.

É com esse propósito de difundir e disseminar os feminismos, com ênfase na educação, que apresentamos esse dossiê. Os artigos aqui reunidos emergiram de um desafio posto a um grupo de estudantes matriculados em uma disciplina do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCar do Campus de São Carlos, de trazer autoras feministas para pensar a educação e refletir: o que podem os feminismos afinal?

Para atender a esta indagação, trazemos os oito artigos que apresentam perspectivas variadas dos feminismos negros, decoloniais e do feminismo da diferença, e que estão expressos nas contribuições teóricas de mulheres de diferentes partes do mundo. Entre elas as filósofas brasileiras Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, a antropóloga argentina Rita Segato, a escritora americana de origem mexicana Gloria Anzaldúa, as teóricas feministas estadunidenses bell hooks e Patrícia Hill Collins, e a escritora portuguesa Grada Kilomba.

Para iniciar a exposição teórica dos pensamentos dessas intelectuais feministas, partimos das contribuições pioneiras Lélia Gonzalez, que durante muitos anos teve seus escritos inviabilizado nas Ciências Sociais e recentemente suas obras estão sendo resgatadas e ganhando espaço no debate feminista brasileiro. E partindo desse movimento de resgate das ideias da autora, no artigo “Contribuições do pensamento intelectual De Lélia Gonzalez para a educação”, a pesquisadora Daiane Silva Santos faz um movimento de lançar um olhar para a trajetória política da intelectual de Gonzalez. Buscando amplificar as vozes das mulheres negras e apresentando seus conceitos do pensamento sobre ciência e educação. Nesse sentido, sabe-se que os conceitos da Gonzalez como neurose cultural brasileira, a amefricanidade e o pretuguês são essenciais para refletir sobre a construção de conhecimento e práticas educacionais por mulheres negras e para mulheres negras.

Ainda enfatizando, a contribuição de intelectuais negras para compreender a realidade de mulheres negras no contexto educacional brasileiro, temos o artigo “Construindo um debate acerca de educação antirracista e antissexista, a partir do pensamento social de Sueli Carneiro” de autoria de Mayara Santos e Silvana Barreto Oriente. Nele, as autoras tecem reflexões sobre aproximações entre a abordagem Freiriana de educação para a liberdade e os Direitos Humanos e o pensamento intelectual e ativista de Sueli Carneiro em sua interface com a educação. Destaca-se o quanto os estudos e reflexões de Carneiro se constituem como um alicerce para pensar estratégias de combate as diferentes formas de violência baseada em gênero e raça. Principalmente, por essa intelectual ser uma das primeiras pesquisadoras no contexto nacional que apresenta dados quantitativos e qualitativos sobre a interseção entre raça e gênero. Carneiro demonstrou o quanto gênero e raça são marcadores sociais que colocam as mulheres

negras na base da pirâmide social e evidenciou a hegemonia masculina e branca nas diferentes esferas de poder.

Nessa esteira de reflexões sobre leituras científicas como relações de poder produzidas por intelectuais negras, temos no artigo “Aproximações do pensamento de Patrícia Hill Collins para a reflexão de uma educação infantil democrática, não sexista e antirracista” uma importante contribuição para pensar como o pensamento negro feminista pode ajudar a pensar interseccionalidade e empoderamento no ambiente escolar, inclusive e desde a educação infantil. De autoria de Denise Aparecida de Paulo Ribeiro, Gisele Caroline Ruiz Duran e Adriana Santos Pinto, as pesquisadoras fornecem informações relevantes sobre a trajetória de Patricia Hill Collins. As autoras destacam conceitos centrais que Collins desenvolveu ao longo de sua carreira e como estes podem se relacionar com a educação infantil, partindo da premissa de que é viável oferecer uma educação que promova a emancipação e esteja comprometida com a justiça social para bebês e crianças pequenas.

Quando falamos de educação para emancipação em uma perspectiva feminista e negra, é impossível não citar as concepções da escritora feminista bell hooks sobre práticas pedagógicas. Neste sentido, contamos neste dossiê com dois artigos que abordam o pensamento dessa intelectual tão essencial para pensarmos dinâmicas das relações de gênero e da educação para as relações étnico-raciais. O primeiro artigo sobre a autora é intitulado “Infâncias, feminismos e a educação: diálogos a partir de bell hooks” de Cátia Ribeiro Moreira e Vanessa Medianeira da Silva Flores. Nele, as autoras entrelaçam reflexos sobre como processo da Colonialidade provocou, através de marcas históricas, regimes de exclusão que continuam a ter consequências drásticas na sociedade atual. Tais marcas não se limitam a afetar somente a vida dos adultos e, tampouco, possuem contornos uniformes entre os sujeitos, elas marcam de forma particular, mulheres e crianças negras. O racismo, o sexismo, o patriarcalismo e o adultocentrismo são categorias que têm exercido uma influência agressiva sobre as mulheres e as crianças, moldando as infâncias em uma sociedade excludente e as subalternizando de forma contínua. Sabe-se que esse processo é um desdobramento do período colonial e reflexo da “herança” escravocrata. Neste sentido, as contribuições teóricas de bell hooks, presentes em sua obra "Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”

(2013), fornece elementos conceituais cruciais para pensar formas de descolonizar a educação. As contribuições sobre "Sororidade" e a "Pedagogia engajada" de hooks ajudam a compreender como é possível uma educação que coloque a luta antirracista, antissexista e oposição ao adultocentrismo em seu cerne. A incorporação dessas concepções nas práticas educativas nos contextos de infância e da educação infantil são pilares basilares para promover uma educação focada na luta contra qualquer forma de opressão e capaz de transformar e superar as desigualdades presentes na sociedade.

O segundo artigo sobre o pensamento de bell hooks denominado "Um convite - aproxime-se e verá: o feminismo é para todo mundo" de autoria de Fernando Schlindwein Santino e Marcielli de Lemos Cremonese, convida as/os leitoras/leitores a perceberem como as experiências pessoais e a história de vida de bell hooks são elementos que se constituem como base de suas teorias. No texto é apresentado uma reflexão sobre os objetivos do movimento feminista e sua relação com a Educação e a Educação Infantil, por meio de abordagem qualitativa, do livro "O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras" de bell hooks. As autoras destacam como hooks utilizou sua própria vida e experiências escolares para pensar a problemática de categorias como classe, raça e gênero, identificando nesses elementos os sistemas de dominação e opressão.

Em continuidade com os diálogos sobre diferentes sistemas de opressão e sua interface com as infâncias, temos neste dossiê o artigo "Conversas (sobre)viver às fronteiras, feminismo da diferença e educação, acompanhadas de Gloria Anzaldúa" escrito por Juliana Cristina Bomfim e Taís Aparecida de Moura. Nele, as autoras buscam examinar, a partir da perspectiva interseccional, a relação entre o feminismo e a Educação, especialmente no contexto das infâncias. À luz do conceito de "saldos de códigos" de Gloria Anzaldúa, as autoras buscam problematizar como práticas linguísticas e culturais se expressam em diferentes contextos de fronteira e como estes podem refletir uma nova consciência mestiça como um projeto de recuperação da consciência política. Quando se fala de "saldos de códigos" busca-se pensar como os sujeitos que habitam fronteiras, inclusive de exclusão, produzem especificidades, dialetos e formas de comunicação que visam atender às demandas e complexidades do ambiente fronteiriço.

O artigo "Reflexões sobre gênero, eurocentrismo e infância indígena na perspectiva da 'colonialidade do poder' de Kaira Neder e Fernando Schlindwein Santino, dialoga com

a autora feminista argentina Rita Segatto, dentro dessa perspectiva da colonialidade do poder, trazendo o conceito de 'pluralismo histórico' para relativizar e problematizar o olhar hegemônico sobre algumas culturas indígenas. O artigo tece considerações sobre recentes medidas políticas que criminalizam práticas indígenas, indicando que há um olhar que generaliza e preconcebe práticas indígenas sem antes escutar esses povos e, sobretudo, sem considerá-los nas elaborações e implementações de leis que dizem respeito a si.

Terminamos esse dossiê com o artigo "Feminismo negro como mecanismo de transformação social: ensaio a partir das contribuições de Grada Kilomba", de Luciene Reis Silva e Andrea Moruzzi. O artigo parte do princípio de que há um compromisso ético e político em lutar contra o racismo, sobretudo quando se é uma mulher branca. Esboça e reflete sobre essa forma de violência e suas diferentes manifestações a partir da escrita literária de Kilomba. Destaca que a sensibilização urgente para essas e outras formas de racismos passa pela educação procurando trazer para o debate aspectos centrais da obra analisada: a memória, a sensibilização, os racismos e suas dimensões e a preposição da autora de uma necessária e urgente mudança na linguagem, usualmente racista que subjetiva as mulheres negras de modo estigmatizado, infantilizado ou hipersexualizado.

O movimento de apresentar a diversidade presente nas contribuições teóricas dessas intelectuais negras, não brancas e feministas neste dossiê visa enfatizar os processos de produção acadêmica de mulheres, em particular, as mulheres negras ou não brancas, e como esse se constitui como uma forma de materialização de suas agências. Neste contexto, elas produzem e escrevem enquanto um processo de autorrecuperação, que nas palavras de bell hooks se constitui como "um ato de se tornar sujeito" (2019 p 57).

Quando optamos por colocar em destaque o pensamento dessas mulheres negras e não brancas em uma perspectiva educacional visamos fazer um singelo movimento epistemológico de reafirmá-las no lugar de referências teóricas e políticas. Logo esse dossiê é uma proposta de contribuir para um processo de descolonização do saber e colocar essas autoras no lugar que sempre devem permanecer: o de sujeitas de sua própria realidade e pensamentos.

Encerramos esta apresentação compartilhando com a leitora e com o leitor, uma reflexão presente no final do livro “Memórias da plantação: episódios de racismo no cotidiano de Grada Kilomba” (2019), no qual a autora sintetiza as simbologias presentes no ato de produção do pensamento negro.

Todo processo alcança um estado de descolonização; isto é, internamente, não se existe mais como a/o “outra/o”, mas como o eu. Somos eu, somos sujeitos, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade.

Desejamos à todas, todos e todos uma ótima leitura e que possamos cada vez mais nos mover em prol de uma educação antirracista e igualitária.

Referências:

GRADA, Kilomba. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MORUZZI, Andrea. (2022). O Feminismo como Pedagogia e Inflexões sobre a Ideia de Cidadania. *Revista Interações*, 18(61), 4–28. <https://doi.org/10.25755/int.26955>